



MADARIAGA, SALVADOR DE

Salvador de Madariaga y Rojo nasceu na Corunha no seio de uma família conservadora, a 23 de julho de 1886, filho do coronel Darío José de Madariaga e de María Ascención Rojo. A dificuldade em sintetizar a obra de Madariaga explica-se pela faceta de polígrafo que emprestou à sua longa e fecunda vida intelectual – engenheiro de sua primeira profissão, logo docente universitário, diplomata, ministro, conferencista, mas também jornalista, historiador, romancista, poeta, dramaturgo e doutor *honoris causa* por sete universidades europeias e americanas – patente em vasta e diversa bibliografia, que percorre todos os géneros literários. A predisposição para uma existência polifacetada e internacional foi determinada pela autoridade paterna ainda na adolescência, quando Madariaga rumou a França para concluir os estudos secundários. Seguiu-se a frequência universitária em duas das mais prestigiosas instituições de ensino superior técnico-científico europeias da *Belle Époque*, a *École Polytechnique* (1906-1908) e a *École Nationale Supérieure des Mines* (1908-1911). A estadia em França fê-lo descobrir as Humanidades e, com elas, a História, disciplina que mais o ocuparia como autor. Regressado a Espanha, o jovem Madariaga conseguiu emprego como engenheiro numa companhia de caminho-de-ferro em 1911, mas a sua eferescência intelectual rapidamente o impeliu a seguir outros caminhos.

Em vésperas da I Guerra Mundial, associou-se ao círculo de intelectuais que fundou a *Liga de Educación Política Española*, de curta duração, mas que frutificaria com o nascimento do semanário *España* em 1915 e, mais tarde, do diário *El Sol*. Graças a um dos membros da Liga, Luis Araquistáin, e aos seus contactos na imprensa britânica, em 1916 Madariaga mudou-se com a sua mulher (a historiadora Constance Helen Archibald, com quem contraiu matrimónio quatro anos antes, em Glasgow) para Londres. Ali trabalhou no departamento de informação do Foreign Office, onde lhe foi confiada a escrita de artigos favoráveis à *Entente*, dirigidos ao público de língua espanhola. Findo o conflito, Madariaga voltou a Espanha e à sua profissão como engenheiro de minas, mas depressa encontraria novo destino internacional. Em 1921, após ter desempenhado funções de assessor numa conferência da Sociedade das Nações (SDN) em Barcelona, a sua competência catapultou-o para o gabinete de imprensa do secretariado da SDN. O desembarço e uma notável aptidão poliglota fizeram-no subir no organigrama: em dezembro de 1922 encontrava-se já a dirigir a Divisão de Desarmamento da organização. Em 1929, valendo-se da sua experiência à frente daquele departamento, que se estendera até 1927, publicou na Grã-Bretanha um livro

dedicado à mesma temática (*Disarmament*), que consolidou a sua reputação intelectual no mundo anglo-saxónico. Originariamente francófono, mas atraído para a esfera cultural de expressão inglesa pelo trajeto pessoal e pelo casamento, no mesmo ano Madariaga foi escolhido pela Universidade de Oxford para lecionar a recém-criada Cátedra Alfonso XIII de Estudos Espanhóis. A imersão no mundo académico britânico revelar-se-ia agridoce: embora se sentisse realizado e enriquecido, admitia que a vida em Oxford, com as suas idiosincrasias elitistas, lhe produzia estranheza e frustração. A docência universitária, acabaria por concluir Madariaga, não se enquadrava no seu leque de aptidões. No final de 1930, durante um ciclo de conferências que o levou a percorrer os EUA, Cuba e o México, foi surpreendido pela abdicação de Afonso XIII. Em maio de 1931, e para sua surpresa, soube pela imprensa que o governo republicano provisório o nomeara embaixador em Washington. Iniciava-se então uma carreira diplomática intermitente, ainda que movimentada. A presença no posto da capital norte-americana foi abreviada pela urgência em assegurar a representação espanhola no Conselho da SDN, por manifesta inabilidade do ministro de Exteriores em exercício, Alejandro Lerroux. Durante a vigência da II República, Madariaga continuaria na SDN, acumulando o posto de embaixador em Paris de 1932 a 1934.

Em 1934, Madariaga regressou a Espanha para assumir a pasta da Instrução Pública no governo do Partido Radical, de Alejandro Lerroux, que acumulou por brevíssimo período com a da Justiça. Contudo, o executivo acabaria por cair, fragilizado pela amnistia concedida aos responsáveis pela intentona golpista de agosto de 1932, que fora imposta pela CEDA (*Confederación Española de Derechas Autónomas*). A associação de Madariaga a este governo – sobretudo conquanto os factos ocorreram durante a sua efémera experiência como ministro da Justiça – suportado na extrema-direita parlamentar, valeu-lhe duradouro ressentimento em muitos sectores da esquerda espanhola, do PSOE (*Partido Socialista Obrero Español*) aos libertários da FAI (*Federación Anarquista Ibérica*). A vitória da Frente Popular nas eleições municipais em fevereiro de 1936 reacendeu o rancor contra Madariaga, que optou então por retirar-se da vida política espanhola, declarando-se indisponível para colaborar com o novo governo. Na mesma época, publicou um dos seus livros mais controversos, *Anarquía y Jerarquía* (1935). Obra de vincado teor corporativista, nela desenvolveu o conceito de “democracia orgânica hierárquica” como alternativa ao sufrágio universal. Para Madariaga, a democracia não deve ser entendida em sentido estatístico, mas sim orgânico, faceta das sociedades humanas que, em seu entender, fora esquecida pelos sistemas demoliberais do século XX. Crítico do movimento operário, era partidário da liberdade e igualdade desde que estas permanecessem circunscritas às classes médias.

A eclosão da Guerra Civil a 18 de julho de 1936 – e concretamente o facto de quase ter sido fuzilado em Toledo por milicianos descontrolados, que o confundiram com o deputado Dimas de Madariaga, da CEDA – convenceu-o a deixar o país para se estabelecer em Oxford na condição de emigrado (que preferia à de “exilado”), onde daria continuidade ao seu trabalho intelectual. Pertencem a esta fase de verdadeiro exílio, que se prolongaria por décadas, alguns dos seus textos historiográficos mais notáveis. Instalado na Grã-Bretanha, declarou absoluta neutralidade face aos dois lados em confronto, o que contribuiu para deteriorar ainda mais a sua credibilidade entre os partidários da II República. À semelhança de iniciativas similares tentadas por

outras personalidades, as diligências em que se afadigou até finais de 1938 para conseguir uma paz negociada entre o governo republicano e os rebeldes nacionalistas, sucessivamente veiculadas junto de políticos britânicos e diplomatas do Foreign Office (e até de Armindo Monteiro, então embaixador português em Londres, com o propósito de convencer Salazar a interceder, quando a sorte das armas pendia já decisivamente a favor de Franco) não produziram quaisquer efeitos práticos.

A vitória de Franco em abril de 1939 trouxe consigo anos muito difíceis para os derrotados, que iniciaram então uma longa travessia do deserto, marcada por uma repressão brutal no interior e pela discórdia no seio das oposições no exílio, legado das fraturas do tempo de guerra entre democratas liberais, socialistas, comunistas, trotskistas e anarquistas. Nos primeiros meses de 1940, os decisores britânicos, surpreendidos pela rapidez fulgurante da *Blitzkrieg* no continente e perante a iminência de uma capitulação francesa, decidiram dar luz verde à criação da Aliança Democrática Espanhola (ADE). Esta organização, fundada no verão de 1940, congregava uma plêiade de elementos anti-comunistas da diáspora republicana, como o cenetista Juan López Sánchez ou o socialista Wenceslao Carrillo. Dirigia-o o coronel Segismundo Casado, com o contributo teórico de Madariaga. Embora tenha constituído uma das primeiras iniciativas para sistematizar a oposição ao franquismo no exílio, a ADE não perseverou, em larga medida devido à deplorável reputação de Casado em grande parte dos meios republicanos.

Nos anos da II Guerra Mundial, Madariaga retomou o ensino em Oxford, enquanto continuava a desenvolver intensíssima atividade cultural através de conferências e participação em congressos, a par da entrega à escrita. Paralelamente, nunca descurou a causa da restauração da democracia no seu país, acompanhada pelo compromisso inabalável com o esforço de guerra dos aliados, consubstanciado num programa semanal em espanhol, emitido pela BBC para toda a América Latina, e por outro similar, em língua francesa, transmitido pelo serviço de radiodifusão das Forças Francesas Livres. Data do imediato pós-guerra o apelo de Madariaga à noção de uma Europa unida – que fazia jus à trajetória do seu autor, o “mais europeu de todos os espanhóis”, na expressão de vários contemporâneos – descrita em 1945 no ensaio *Victors, Beware*. Como sempre fizera, Madariaga socorria-se uma vez mais de um livro para debater duas questões interdependentes entre si, que corporizavam a grande linha mestra que guiou a sua intervenção cívica até ao final da vida: a democratização de Espanha e a unidade europeia, tendo por axioma fundacional princípios de liberalismo político e económico. Em 1952, publicou *Bosquejo de Europa* (*Portrait of Europe*, na edição inglesa do ano seguinte), ensaio revelador da sua visão sobre a Europa e o carácter nacional dos diferentes povos do continente. Entre as nações europeias tratadas, Madariaga, talvez influenciado pela memória ainda fresca da *Shoah*, discorre também sobre dois povos “sem pátria”: os judeus (não obstante o livro ter sido publicado a escassa distância da independência do Estado de Israel, sobrevinda em 1948) e os ciganos. Movido pelo espírito de controvérsia que imprimiu a tantos dos seus livros, entrega-se ainda a um exercício de exploração das margens do conceito de Europa, em sentido geográfico, mas também cultural e político, através do caso turco; fá-lo sem esconder reservas – proféticas, atendendo aos desenvolvimentos sobrevividos na Turquia à data em que escrevemos estas linhas – sobre a resiliência e durabilidade da secularização kemalista.

No pós-guerra, a projeção de Madariaga como voz ativa contra o franquismo no exterior cresceria em medida diretamente proporcional ao seu envolvimento em organizações internacionais, orientado sobretudo para a prossecução do seu velho sonho de uma Europa livre, aberta, integrada e coesa. Assim, em 1947, viria a ser o primeiro presidente da Internacional Liberal, fundada nesse ano em Oxford por um grupo de políticos britânicos e norte-europeus, cargo que o ocuparia durante cinco anos. A sua atividade nos primeiros anos da Guerra Fria desdobrar-se-ia por diversos organismos associados ao arranque da construção europeia, nomeadamente o Collège d'Europe em Bruges, de que foi co-fundador em 1949, com a colaboração do franciscano Antoine Verlege, e a que presidiria durante 15 anos, tendo sido também nomeado presidente do comité cultural do primeiro Congresso da Europa, que reunira em Haia no ano anterior. Nesta capacidade, aliciou delegados espanhóis para o movimento europeu, ao mesmo tempo que promovia a formação de uma plataforma consensual contra a ditadura franquista, assente no diálogo entre socialistas e monárquicos. Com o Conselho Federal Espanhol do Movimento Europeu, Madariaga ensaiou também uma alternativa de largo espectro ao desavindo governo republicano no exílio, abrangendo até – ainda que contra as suas convicções – nacionalistas bascos e catalães.

O trabalho em prol do diálogo de Espanha com a ideia europeia progrediu a bom ritmo na década de 50, com efeitos que não deixaram de enfurecer a cúpula franquista (quando os EUA tentaram fomentar a adesão da Espanha à NATO, a secção espanhola do Movimento Europeu conseguiu frustrar a iniciativa), sem perder de vista a indispensabilidade de democratização da sociedade espanhola como condição incontornável para uma eventual integração europeia. Na sua antevisão do pós-franquismo, via num governo centrista a solução ideal para conduzir o processo de transição para a democracia. Os contactos encetados em 1960 com Alsing Andersen, à data presidente da Internacional Socialista, apontavam nesse sentido: Madariaga propunha-se propiciar a aproximação do PSOE a outros sectores moderados para estimular um fórum de individualidades oriundas da oposição democrática, contrariando a narrativa hegemónica da propaganda franquista, que agitava o espectro de investida comunista num cenário de esvaziamento do regime. A ideia foi bem recebida fora e dentro de Espanha. No último caso, conduziu ao nascimento da Associação Espanhola de Cooperação Europeia, e no plano externo, refletiu-se no tema – “A Europa e Espanha” – escolhido para o IV Congresso do Movimento Europeu, que decorreu em Munique de 5 a 8 de junho de 1962, e no qual participaram membros de praticamente todas as tendências representadas na oposição ao franquismo (com excepção dos comunistas do PCE, que foram excluídos do evento), desde socialistas e católicos de diverso jaez, democratas-cristãos, monárquicos liberais, a nacionalistas bascos e catalães, e até alguns falangistas desafetos. O resultado, além de encorajador para quem via numa futura adesão do país à CEE um salvo-conduto para a liberalização política e abertura económica, indicava também o caminho para a transição negociada que viria a suceder em Espanha no final dos anos 70: as conclusões alcançadas pelos 118 participantes espanhóis sob a liderança moral de Madariaga mereceram a aprovação unânime e entusiasta dos restantes delegados do Movimento Europeu. A elaboração por estes últimos das condições básicas a exigir pela CEE para o processo de integração foi em simultâneo o seu primeiro ato (que culminaria 23 anos depois, com a assinatura do tratado de adesão da Espanha

em Madrid, a 12 de junho de 1985) e um forte golpe contra a ditadura, ao fazer da democratização pré-requisito essencial e ao malograr as *démarches* que a diplomacia franquista ensaiara nesse sentido no início de 1962.

A pronta reação do regime ao que designou depreciativamente como “Contubérnio de Munique”, materializada numa feroz campanha de propaganda na imprensa e nos múltiplos vitupérios lançados em alocações públicas pelo próprio Caudillo, revelar-se-ia muito mais nociva para a imagem externa do franquismo do que o esperado pela cúpula do regime (o fiasco provocou a destituição do influente ministro de Informação e Turismo, o falangista Gabriel Arias-Salgado). Para Madariaga, a noção de Europa era indissociável das respetivas raízes históricas, essencialmente humanistas e cristãs, traço identitário que evocou em Munique: «A Europa não é apenas um mercado comum; é também, e sobretudo, uma fé comum e o preço do homem e da sua liberdade». Nesta aceção, defendia a colaboração transatlântica com os EUA, na medida em que esta fosse complementada pela tradição e herança histórico-cultural do conjunto dos povos europeus. Em 1973, coube-lhe a distinção de ser o primeiro espanhol a receber o *Karlspreis* (Prémio Internacional Carlos Magno, lançado em 1950 em Aachen para distinguir personalidades que se destacaram pelo seu contributo para o movimento e a construção europeus). No discurso que proferiu pela ocasião, voltaria a sublinhar as convicções de toda uma vida, advogando a construção de uma Europa livre e unida, herdeira da Grécia clássica e do cristianismo: «Sócrates ensinou à Europa a liberdade de pensamento, Jesus Cristo o respeito pela pessoa humana». Com a morte do ditador, Madariaga, que tanto se batera nos fóruns internacionais pelo restabelecimento da democracia em Espanha, pôde finalmente regressar ao seu país em maio de 1976 para testemunhar o início da transição, mas a cujo corolário – a integração plena na Europa – já não assistiria. A morte surpreendeu o velho liberal e europeísta convicto na sua residência suíça de Locarno a 14 de dezembro de 1978.

Rui Aballe Vieira
Universidade Nova de Lisboa

Referências

- CÉNIT MOLINA, Elena, *La Obra de Salvador de Madariaga: Ensayo Bibliográfico*, Madrid, Editorial de la Universidad Complutense, 1991.
- GRANDÍO SEOANE, Emilio, *Compromiso pola Democracia. Relato Vital de Salvador de Madariaga*, Corunha, Instituto José Cornide de Estudios Coruñeses, 2017.
- MADARIAGA y ROJO, Salvador de, *Memorias de un Federalista*, Buenos Aires, Sudamericana, 1967.
- PRESTON, Paul, *Las Tres Españas del 36*, Barcelona, Plaza y Janés, 1999.
- VICTORIA GIL, Octavio, *Obra de Salvador de Madariaga*, Madrid, Fundación Ramón Areces, 1990.